

## O Familiar Estranho Objeto da Angústia

Messias Eustáquio Chaves

Psicanalista do CPMG

Ao estilo de Freud, seguindo o seu exemplo, eu digo: estava de pé numa ruela de jardim, que conectava a um pátio interno de uma Universidade. Parecia estar em meio a um congresso de psicanálise e aquele era um momento de intervalo. Parado onde estava, observava o movimento das pessoas. Mulheres chegavam perto dos homens, diziam algo sorrindo, procurando agradar. Alunos falando com seus professores, professores falando com seus alunos. Um palestrante falava para uma platéia ao ar livre. Observava o movimento e pensava que não havia como fugir do que se manifestava diante de meus olhos, até porque de onde eu estava podia ver tudo a minha volta. Via as pessoas se aproximando umas das outras, com sorrisos suaves, atitudes e gestos exageradamente gentis, olhares lânguidos, palavras proferidas pelo canto das bocas.

De repente, dentro do próprio sonho, eu senti que aquilo era fingimento e pensei que tudo não passava de uma enganação, que aquilo era falso, uma máscara, uma mentira, a realidade não era assim. Dizia para mim mesmo: “Olha só... até parece!” Pensei, concluindo para mim mesmo, que nunca antes eu havia percebido com tanta clareza o fato de que, na vida humana, o que prevalece é a **mentira**. Todos mentem, mesmo achando que estão dizendo a verdade. Mentem, quando parecem ter a certeza do que estão dizendo. Mentem, sentindo-se sinceros. O marido mente para sua mulher, esta mente para seus filhos, estes mentem para seus professores, estes mentem para seus alunos e os diretores, que mentem ao Ministério da Educação. No MEC mentem ao presidente do país, que mente aos presidentes de outras nações, que mentem ao papa, que mente aos representantes de outras religiões e todos mentem a Deus.

Deduzi, dentro do próprio sonho que, “*no fundo do fundo*”, todos mentimos com a cara mais lambida do mundo. Mentimos por causa da estrutura. Mentimos presos a uma lógica. A lógica da perda, da perdição no mundo; nas cidades, nas florestas, nos desertos do mundo. Perguntava-me: e a verdade? Ah! A verdade! E o que é a verdade? Não sei. Difícil alcançá-la, defini-la, escrevê-la. Deduzo mais uma vez, dentro do sonho, que só há um jeito de visualizá-la, pensá-la, apreendê-la de uma maneira humana: **a verdade é a verdade da mentira!...** A verdade, de verdade, é só **Isso**, porque é muito difícil dar conta d’**Isso**, compactuar-se com o **Isso**, jogar com o real d’**Isso**. Então, mentimos por **Isso!...** O ser humano é muito frágil e muito forte, ao mesmo tempo. O real d’**Isso** é muito **familiar** e muito **estranho**, ao mesmo tempo. Por causa d’**Isso**, diz a verdade o tempo todo: **a verdade da mentira!...**

Ainda dentro do sonho, eu sentia que tinha chegado a uma conclusão importante, a uma clareza do pensamento. Deduzi que este seria um bom tema para um trabalho de congresso e que eu poderia abordar este tema naquele congresso que acontecia ali. Este ia ser o meu trabalho de psicanálise naquele congresso. Eu ia falar sobre “a verdade da mentira”. Ainda dentro do sonho, comecei a elaborar umas idéias de como poderia ser o trabalho. Pensei: só há um jeito de entender a absoluta verdade da mentira. Isso é coisa de humano, e humanos não dão conta do **Real** da condição humana. Ser humano é muito perigoso. E quando damos conta da verdadeira verdade do Real d’**Isso**, estremeçemos estranhamente, sentimos um calafrio n’alma. Quando o Real bate a nossa porta ou encostamos um dedinho nele, entramos em pânico, paralisados ficamos, olhos arregalados, estupefatos, tremidos, angustiados, atingidos de cheio pelo que há de mais estranho no existir humano.

O desconhecido, o não-sabido, o insuportável, o irredutível, o impossível de ser assimilado, apreendido, totalmente dominado. Estranhamente real, sempre fora do simbólico, **objeto causa da angústia**, d’**Isso** que um dia foi tão familiar, e foi cortado, e se perdeu, e foi recalçado, e estranhamente se prendeu, se amarrou, se fixou, se registrou como **a**, objeto familiarmente perdido e fixado como resto d’**Isso**, que sobrou da fachada significante no corpo natureza bruta primordial, e do recalçado um dia voltou, e se manifestou como **angústia** no corpo, marcado simbolicamente e imaginariamente pela experiência do espelho no campo do Outro, deixando intacto o **a** como **resto invisível** escapante ao visível da especularidade, mas matematicamente presente na fantasia inconsciente como tal. Objeto **a**, marca do corte, do furo feito pelo significante no real esférico, separando em dois, ambos do mesmo lado do Outro, o sujeito com a marca do corte (barrado, dividido, cindido) e o objeto **a** com a marca do furo (vazio, buraco) feito no Outrão Absoluto.

O sujeito, marcado pelo significante, tem por função a subjetividade e suas operações nos campos do simbólico e do imaginário. O objeto **a**, resto da operação de corte, tem por função causar o desejo e permanecer como ponto de gozo (mais-de-gozar), como pulsão parcial, energia libidinal, sempre invisível, mas operante, inalterável, restinho de real no psiquismo humano, de onde vem a angústia. Ambos, o **sujeito barrado** (cortado do S) e o objeto **a** (cortado do A) são resultantes da operação significante primordial. Ambos matematizam a fórmula da fantasia ( $\$ \diamond a$ ), essencialmente necessária ao funcionamento humano como tal, especialmente para lidar com a angústia, com as perdas, com o real da morte.

Sobre a **morte** (alcance máximo do real) só nos resta imaginar e pensar, construir fantasias, idéias, falar, elaborar saídas simbólicas. O que faz a diferença pode ser a tônica que imprimimos na imaginação do simbólico (imaginário muito gordo) ou na simbolização do imaginário (emagrecimento lógico do imaginário). Pensei dentro do próprio sonho: o que há de mais terrível para nós humanos é **a verdade real e irredutível da morte**. No real, não há como escaparmos, a morte é que nos escapa a um domínio sobre ela. Não suportamos isso, essa verdade, por isso mentimos.

Mentimos com palavras, mentimos com fantasias, algumas vezes as mais mirabolantes, verdadeiras metáforas delirantes. O psiquismo humano inventou o jogo da vida, e no jogo inventou a mentira, como única condição de viver e de tapear a angústia, os medos, o horror, o real impossível, insuportável, indomável.

Este **a**, objeto faltante, presente pela ausência, um restinho, um fragmento, um lixinho, é um lixinho poderoso, comparável ao lixo atômico batizado como “Césio de Goiânia”. É do objeto **a**, colado na fantasia, que vem a **angústia**. Somos afetados pela angústia, quando nem a fantasia nem o desejo conseguem servir de escudo frente a um real se manifestando através do **a**. Há pontos de angústia sempre que somos invadidos pelo estranho sentimento das perdas primitivas, familiarmente humanas, registradas no psiquismo como objetos **a**, o lugar vazio, faltante do que foi a queda do mamilo, a queda do cocô, a queda do olhar, a queda da voz, a queda do falo.

A angústia parte do real e se apresenta dentro do corpo imaginário, invade nossos sonhos noturnos e diurnos, e afetados por ela, mensageira do real na experiência humana, nós nos armamos e nos defendemos, inventamos uma **mentira** qualquer, um mito, e amordaçamos a angústia (o seu grito terrificante), embora ela continue lá, como um ponto de real a nos lembrar que somos humanos, marcados pelo efeito significante do **corte/falta** e não deuses. Pensei: não tem como fugir da mentira, ela é estruturante, inconscientemente eu minto, minto por necessidade, por não ter outra saída diante da angústia. E ainda no sonho decidi que seria bom, interessante, produtivo, falar sobre isso, mas ao tomar esta decisão comecei a ficar angustiado: e se eu não der conta de falar sobre isso? Neste momento da **angústia**, acordei. /

Fiquei um tempão acordado, não conseguia dormir. Meu pensamento passeava pelos textos de Freud e de Lacan, repassava leituras feitas, lembrava-me de trabalhos que escrevi. Pensei: preciso começar o meu trabalho para a jornada deste ano sobre a angústia. Que escrever? Há tanta coisa, tantos caminhos, tantos elementos da teoria da psicanálise ligados ao tema da angústia, e tudo parece tão importante, tão clínico, mas como falar de tudo? Impossível. Topamos com o real, topamos com a angústia. Minhas idéias circulam em Freud e em Lacan. Passeiam pelo texto do **“Estranho”** (Unheimlich),<sup>1</sup> por **“Inibição, sintoma e Angústia”**,<sup>2</sup> pelas várias lições do **“Seminário 10 – A angústia”**.<sup>3</sup> Fico embevecido (extasiado) diante da genialidade de Freud e de Lacan ao construírem um saber sobre a angústia e os diversos elementos clínicos interligados a ela.

O Seminário da Angústia (1962-1963) é extremamente clínico e tudo parece ser muito importante. O que abordar? O que escrever? O que falar? Excesso de elementos, excesso de idéias, excesso de possibilidades. Angustiado estava e não conseguia dormir. Ponto de angústia!... “A falta da falta”. Impunha-se fazer um corte simbólico. Sintonizar-se com a falta. Convocar o desejo à perda de gozo, barrar a angústia. Excesso... gozo! Era preciso cortar e o desejo assumiu esta função, tomando uma decisão pensada. Fazer um recorte neste imenso “canteiro de idéias” e tentar dizer algo sobre a **constituição do objeto a**, pois na indicação de Freud (**Das Unheimliche** – O

Estranho) e de Lacan (“**a angústia não é sem objeto**”) percebemos que a base da construção de um saber analítico sobre a angústia parte exatamente da constituição do objeto **a**.

Em sua abordagem da angústia e do objeto **a**, Lacan nos diz que Freud designou no fim de sua obra a angústia como um **signal**, mas um sinal distinto do efeito da situação traumática e articulado com o que chamou de **perigo** (“perigo de vida”), tentando enunciar de maneira mais precisa que “o perigo em questão está ligado ao **caráter de cessão** do momento constitutivo do objeto **a**”.<sup>4</sup> De que, então, deve a angústia ser considerada sinal? Lacan acredita que o momento em que entra em jogo **a função da angústia é um momento anterior à cessão do objeto**, da mesma forma que Freud buscou situar algo mais primitivo do que a situação de perigo. Alinhado com Freud nesta questão sobre o que vem antes, diz Lacan: “a angústia manifesta-se como relacionada de maneira complexa com o desejo do Outro. Indiquei que a função angustiante do desejo do Outro estava ligada a eu não saber que objeto **a** sou eu para esse desejo”.<sup>5</sup>

A seguir, Lacan deixa bem claro que a constituição do sujeito se faz em sua relação com o desejo do Outro e que o desejo humano é função do desejo do Outro. É por isso que “a angústia está ligada a eu não saber que objeto **a** sou para o desejo do Outro, mas isso só é válido para o nível escópico”. (idem) Seguindo Lacan, “ao Outro humano liga-me alguma coisa que é minha qualidade de ser seu semelhante e daí resulta que o resto **a**, aquele do angustiante “não sei que objeto sou”, é essencialmente, desconhecido. Desconhecimento do que é o objeto **a** na economia do meu desejo de homem, e é por isso que o chamado nível 4, o do desejo escópico, aquele em que a estrutura do desejo está mais plenamente desenvolvida na sua alienação fundamental, é também, paradoxalmente, o nível em que o objeto **a** é mais mascarado, e no qual, em vista disso, o sujeito está mais garantido quanto à angústia. É isso que torna necessário buscarmos em outro lugar a marca do **a**, quanto ao momento de sua constituição”.<sup>6</sup>

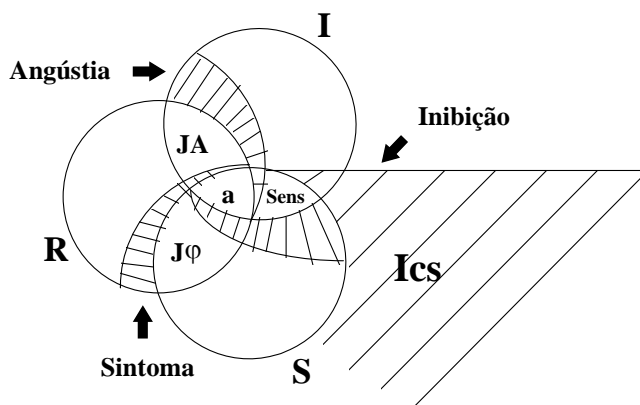
Eu me pergunto: por que a função de chupar o mamilo do seio, a função do excremento, a função do olhar e a função da voz desempenham um papel privilegiado na constituição subjetiva daquilo que qualificamos como desejo oral (boca), desejo anal (ânus), desejo escópico (olhar) e desejo auditivo (voz)? A resposta em Lacan é porque cada um destes elementos pode ocupar o lugar de **a**, objeto **a**. Ele diz à página 357, do Seminário da Angústia: “trata-se de objeto escolhido por sua qualidade de ser especialmente cedível, por ser originalmente um objeto solto, e se trata de um sujeito a ser constituído em sua função de ser representado por **a**, função esta que continuará essencial até o fim”.<sup>7</sup>

Há um 1º. Nível chamado Oral, quando a **realidade do Outro** faz-se presente pela necessidade (impotência original do lactente). Há um 2º. Nível chamado Anal, com a incidência da alienação na **demand do Outro**, quando alguma coisa se destaca e permite articular de maneira complexa a constituição do **a** em relação à **função do Outro**, como lugar da cadeia significante. A angústia já aparece no 1º. Nível com o **grito**, primeira manifestação no mundo daquele que virá a ser

sujeito. Assim diz Lacan: “A angústia é a única tradução subjetiva do objeto **a**”.<sup>8</sup> E, “a estrutura da angústia é a mesma da fantasia,  $\$ \diamond a$ , a angústia está ligada ao objeto **a**, a fantasia está ligada ao **sujeito barrado**. É lidar com o desejo e a angústia ao mesmo tempo”.<sup>9</sup>

Primeiro efeito de cessão, que é o da angústia. Com esse grito que lhe escapa, o lactente não pode fazer nada. Ele cede essa angústia original e nada mais o liga a **Isso**. A angústia no 2º. Nível se manifesta na relação com a **demanda do Outro**, representada pela mãe, principalmente no caso do excremento. De repente, recordo-me de um ponto que pode servir de esclarecimento sobre “desejo do Outro ou demanda do Outro”. Encontra-se à página 357 do mesmo seminário, quando Lacan diz o seguinte: “trata-se de perceber que as respectivas posições da angústia e do que é o **a** são intercambiáveis. Por um lado, existe o ponto primitivo de inserção do desejo, constituído pela conjunção, num mesmo parêntese, do **a** e do **D** maiúsculo da demanda, e por outro, existe a angústia”.<sup>10</sup> Então, isso me faz pensar que o desejo está do lado de **a**, o qual está como **causa**, porque trata-se do resto, sobra do corte no Outro (A barrado) e que, se este Outro demanda e se esse Outro deseja além da demanda, é porque está na posição de falta e só assim poderia desejar.

Nem precisaria fazer tal dedução, pois vejam os elementos que descubro, voltando ao início do Seminário da Angústia, à página 15, e que me permito sintetizar: “A relação do desejo **d(A)** com a imagem suporte deste desejo **i(a)**, que é imagem ordenada da fantasia – já que a imagem especular é **i(m)** –, este desejo é desejo, porque sua imagem-suporte é equivalente ao desejo do Outro. Neste caso, Outro barrado, pois se caracteriza como falta”.<sup>11</sup> E à página 35, Lacan acrescenta: “o que deseja é um objeto **a**. O sujeito, sendo este objeto, fica irremediavelmente marcado pela finitude. Trata-se de um objeto afetado pelo desejo”.<sup>12</sup> Na operação significativa primordial, este **a** cai como objeto restante do real e o  $\$$  cai do mesmo lado como sujeito herdeiro do significante, este que vai representar o sujeito para um outro significante. Vamos pensar com o nó borromeano na cabeça. E com ele na cabeça, vamos imaginar que, a partir da operação significativa primordial dá-se início, ao mesmo tempo, à inscrição dos registros do real, do simbólico e do imaginário, construindo o psiquismo humano (aparelho psíquico). Vamos, também, imaginar o objeto **a** no centro do nó, exercendo a função real de manter os três registros topologicamente enodados.<sup>14</sup>



O respaldo do que estava dizendo sobre a operação significante primordial está à página 31 do mesmo seminário, que sintetizo assim: “Só há aparecimento concebível de um sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante e do significante mais simples, aquele que é chamado de **traço unário**. O traço unário é anterior ao sujeito. No princípio ‘*erat verbum*’ - isto é, no princípio é o traço unário. Por causa da existência do inconsciente (a Outra Cena) podemos ser este objeto afetado pelo desejo (objeto do desejo do Outro). É nessa condição, que nossa própria falta, sujeito do inconsciente, pode ser desejo”.<sup>13</sup> Continuo à página 36, do mesmo seminário: “O sujeito dependente deste Outro inscreve-se como um quociente, pelo traço unário do significante no campo do Outro. Ele corta o Outro em rodela. Na divisão há um resto, um resíduo. Este resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova, é o **a**, objeto **a**. (**\$ ◇ a**), o sujeito marcado pelo significante e o objeto **a** estão do mesmo lado, do lado do Outro (**A**), porque a **fantasia**, esteio do meu desejo, está inteiramente do lado do Outro. O que está agora do meu lado é aquilo que me constitui como inconsciente, A barrado, o Outro como aquele que não atinjo”.<sup>15</sup>

Instante de ver, Tempo de compreender, Momento de concluir. É preciso concluir? É preciso precisar o que é preciso? Eu, heim?! Bobo eu não sou!... Fantasias é preciso, falar é preciso, fazer arte é preciso, morrer é preciso, viver não é preciso. Assim, vamos viver caminhando na falta, na imprecisão precisa do mundo, desejando, sonhando, construindo um saber sobre o inconsciente, sobre a arte – da literatura, da poesia, da escultura, da pintura, da música –, um saber do sujeito humano, caminhante... caminhando... e uma coisa é vital: é preciso respirar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREUD, S. *O Estranho / Das Unheimliche* (1919), ESB, Imago Editora: RJ, 1976.
2. FREUD, S. *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), ESB, Imago Editora: RJ, 1976.
3. LACAN, J. *O Seminário Angústia*, Livro 10 (1962-1963), Jorge Zahar Editor: RJ, 2005.
4. idem, pp. 352
5. idem, pp. 353
6. idem, pp. 353
7. idem, pp. 357
8. idem, pp. 113
9. idem, pp.13
10. idem, pp. 357
11. idem, pp. 15
12. idem, pp. 35
13. idem, pp. 31
14. CHAVES, M.E. *Angústia. Inibição. Sintoma (A.I.S.)*, Reverso 44, CPMG, BH/MG: 1997, pp. 54.
15. LACAN, J. *O Seminário Angústia*, Livro 10 (1962-1963), Jorge Zahar Editor: RJ, 2005, pp. 36